

Para a sétima edição do programa de exposições em curso dedicado à natureza, a Abreu Advogados, em parceria com o Carpe Diem Arte e Pesquisa, apresenta uma série de obras do artista António Faria.

## António Faria

Os trabalhos de António Faria alertam-nos para uma realidade ao mesmo tempo abstrata e figurativa. Num certo sentido, todo o gesto do artista, que se resume ao trabalho de pensamento contemplativo e solitário da pincelada sobre o papel, claramente pode ter uma dimensão abstrata (não figurativa) de movimentos intensos e detalhados. Por outro lado, é também claro que são representações de bosques e florestas frondosas que o artista imagina, construindo assim toda uma plasticidade clássica nas técnicas de representação, que se revela igualmente na existência de um primeiro e segundo plano. Todavia, a entrada da pintura ou mesmo até, nalguns casos, a intensidade desta “vegetação”, negam as pistas para este mesmo acesso, tal como acontece no trabalho do artista Henry Michaux (1899-1984), cujas obras podem ser qualquer coisa, uma pessoa, um ramo, uma árvore, mas também somente um gesto ou uma escrita do autor.

António Faria constrói cada desenho como se fosse um livro, com a sua linguagem e gestos próprios, mas também nos alertando para um assunto cada vez mais sensível no mundo contemporâneo. Para onde foram as nossas florestas? São vermelhas, são amarelas ou escuras e sombrias nalguns casos. Onde estão os seus habitantes? Extintos na sua maioria.

Como nasceu e viveu em Sintra e sempre gostou de desenhar árvores, - “tudo o que queria comunicar emocionalmente está na natureza” - Faria convida-nos, através das suas peças, a refletir e contemplar, no âmbito desta exposição, neste edifício e neste programa, acerca do espírito dos nossos tempos e das lógicas aplicadas na preservação da natureza. Há dez mil anos, na era glacial, onde estamos fisicamente hoje, existiam florestas com árvores grandiosas, terras abundantes de água e mamutes, auroques, ursos, tigres dente de sabre e inúmeras espécies já extintas. O próprio nível dos mares seria outro. Tudo isto não subsiste mais e o nosso contributo é inegável nas alterações do meio ambiente. Imagino que cada observador não ficará indiferente a esta homenagem que António Faria deixa à natureza das árvores.